

Introdução

O feiticeiro Apotijá. Realizam-se amanhã na Rua do Hospício n. 328, na casa do falecido feiticeiro Apotijá, as cerimônias fúnebres com que os negros *orixalás* comemoram a sua morte. Quem quiser ver de perto as cenas ultra-horríveis que João do Rio conta no seu livro *As religiões no Rio*, pode aparecer nesta rua, onde se iniciarão as cerimônias com um *candomblé*¹ [grifos no original]

A referida nota foi publicada na *Gazeta de Notícias* no dia 13 de dezembro de 1904, em meio a notícias, mapas, fotografias e crônicas sobre as reformas urbanas de Pereira Passos, modernidade e civilização. Em 1904 o Rio de Janeiro vivia o auge das reformas urbanas do prefeito Pereira Passos. Essas reformas faziam parte de um projeto político bem mais amplo do que simplesmente embelezar a cidade. Segundo a visão do governo, era preciso mudar a estrutura urbana. Torná-la mais bonita, sim, mas também mais funcional. Fazer do Rio de Janeiro a vitrine² do país, torná-la moderna, civilizada e limpa tal e qual as cidades européias. Os jornais publicavam diariamente e com grande destaque os novos planos urbanísticos, comentavam o desenrolar das reformas, exibindo muitos mapas e fotos das alterações propostas e das que já estavam em curso, tudo exaltando os benefícios da modernidade. Para tanto, parecia de suma importância a certos agentes sociais da época que se apagasse tudo que lembrava o passado escravista, agora visto como símbolo da barbárie e do atraso³.

Entretanto, a sociedade do Rio de Janeiro ainda guardava muitas lembranças e heranças da escravidão. Centro administrativo e político desde o período colonial, no século XIX a cidade concentrou grande contingente de escravos para o abastecimento das fazendas de café, seja antes ou depois do fim do tráfico africano. E na República, os agora libertos afluíam na expectativa de conquista de trabalho. Deste modo, a cidade vivia fortemente o impacto entre um

¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 dez 1904, p.02.

² Maior detalhamento sobre a relação entre as idéias de “civilização”, “progresso” e “vitrine” neste período podem ser encontradas em NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Rio de Janeiro: PUC, 1986.

³ Como autores que concordam com essa tese temos, só para citar alguns: NEEDELL, J. D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1995; VELLOSO, Mônica Pimenta., “As tias baianas tomam conta do pedaço”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p.207-228.

modelo de modernização e suas realidades, pois entre aquilo que os governantes aspiravam para a capital e a população que a cidade apresentava, havia a mancha desse passado. Comparativamente, em meados do século XIX, a população escrava chega a representar uma parcela significativa da população da Corte, enquanto na cidade de São Paulo o contingente de escravos não chegava a atingir 9% da população⁴.

Porém, a despeito do desejo de apagamento daquelas referências, naquele início de novo século os editoriais passaram a figurar com uma certa freqüência, notícias de feiticeiros, candomblés. Com indignação, morbidez, mas também despertando curiosidade, tais reportagens mostravam um lado obscuro da *belle époque*, o passado negro ainda presente que atravancava a modernização. Teorias racistas e discussões do início do século também eram publicadas nas páginas dos principais periódicos. Devemos, então, pensar que se tais temas estavam estampados nesses periódicos era porque havia interlocutores dispostos a ouvi-los e capazes de compreendê-los.

Em meio a essa atmosfera, o jornalista Paulo Barreto, mais conhecido por seu pseudônimo de João do Rio, apresenta aos leitores da *Gazeta de Notícias*, conceituado periódico carioca, a série “As religiões no Rio”, com as quinze manifestações religiosas que encontrara na capital federal, totalizando vinte e três reportagens, seguindo o estilo crônica-reportagem de cunho histórico-informativo, realizadas a partir de visitas a templos, conversas com praticantes e hierofantes, repletas de juízos de valor, e fez imenso sucesso dentre os leitores da *Gazeta de Notícias*, em especial, as crônicas que retratavam o universo dos “candomblés dos negros minas”⁵.

Nessas reportagens, encontramos informações preciosas sobre a vida cotidiana de africanos e seus descendentes na cidade do Rio de Janeiro e

⁴ Sabemos que, em 1872, os pretos e pardos representavam 44, 79% da população da cidade e 37,2% em 1890. No entanto, fica difícil estabelecer os números para um período posterior, pois, no censo de 1906, por exemplo, a categoria *cor* foi simplesmente suprimida. Vale lembrar que nesta época estavam emergindo a ideologia do branqueamento. *Recenseamento Geral da República dos Estados Unidos do Brasil*, 1890; *Recenseamento do Rio de Janeiro* (Distrito Federal), 1906.

⁵ “Candomblés dos negros minas” era a forma que João do Rio usava para se referir a essa prática religiosa, embora por inúmeras vezes tenha abordado o fato de brancos e mulatos estarem, de alguma forma, freqüentando os terreiros ou se consultando com pais-de-santo, mas irei me referir aos candomblés tratados por João do Rio dessa maneira, por esta ser a forma que o jornalista denomina os cultos.

especialmente sobre sua religiosidade. Apesar dos recorrentes comentários preconceituosos, seus textos revelam, dentre outros aspectos, faces da pluralidade das crenças recriadas pelo grupo e ainda outras formas pelas quais se identificavam. Além disso, os próprios comentários preconceituosos são índice das relações que se estabeleciam naquele momento.

Ao longo da série, a *Gazeta de Notícias* informava através de diversas notas no próprio jornal que a grande procura que tem tido os artigos sobre as religiões no Rio, esgotaram alguns números de sua vasta edição, sendo impossível servir por completo os muitos pedidos que chegavam diariamente. Mas nenhuma das crenças misteriosas do Rio despertaria tanta curiosidade na população carioca – e mesmo de outras regiões – como a provocada pelos artigos sobre as religiões africanas. Prova disso é a publicação de vários comentários publicados pelos editores da *Gazeta* onde afirmam estarem recebendo diversas cartas de leitores ávidos por maiores detalhes e informações sobre os “candomblés dos negros minas”.

O sucesso da série fez com que a *Gazeta* editasse as reportagens em livro, ainda no fim daquele ano, aumentando o estrondoso sucesso de público e crítica, com exemplares esgotados em poucos dias. Menos de dois anos depois a conceituada Livraria Garnier publica uma segunda edição, com igual sucesso.

O assunto rendeu tanto que o cronista falaria de candomblés em algumas crônicas fora da série em 1904 e nos anos seguintes, com direito a crônicas publicadas na *Kosmos*, uma das revistas mais conceituadas na *belle époque*.

Toda essa repercussão fez com que a população carioca conhecesse através dos olhos de João do Rio um pouco desse universo. Por inúmeras vezes o cronista citou nomes e endereços de devotos e terreiros, revelou alguns dos segredos desse rito religioso. O povo-de-santo ficou em polvorosa. A Constituição de 1889 garantia a liberdade religiosa, mas em termos práticos os candomblés eram perseguidos por autoridades pelas associações com uso ilegal da medicina, charlatanismo, não sendo considerados uma religião, muito menos uma prática cultural. Atribuído a classes perigosas⁶ e manchando a *belle époque*, estavam ali presentes e bem próximos da vitrine e com ela dialogavam mais do que os

⁶ Expressão usada por Sidney Chalhoub como uma tradução do pensamento da *belle époque*, no qual o indivíduo pobre era tido automaticamente como perigoso para a sociedade CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, 2ª edição.

preconceitos faziam crer. O que dizer de brancos envolvidos nos candomblés? Policiais e políticos, gente importante que usavam desses serviços?

É interessante perceber que diante do ideal de civilização e progresso que a sociedade carioca se esforçava em demonstrar – no que incluía se afastar das “classes perigosas” - essas elites se mostram interessadas, com um misto de curiosidade e perplexidade sobre os candomblés, movidos pelo que João do Rio chama de “atração mórbida”; se mostram ávidos por mais informações acerca dos “cultos bárbaros”.

Na *belle époque* carioca, marcada pelo processo de reformulação do espaço urbano real e simbólico, os jornais ocupam papel primordial ao possibilitar a integração das múltiplas faces da cidade. Informando sobre as experiências comuns da vida urbana, estabelecem redes de comunicação e tornam possível a apreensão do sentido social do que nela acontece. Ao difundir padrões e normas sociais criam uma espécie de coordenação das múltiplas temporalidades de um público diversificado.

Nesse sentido, concordo com Mônica Velloso⁷, que afirma que ao dissertar sobre o imaginário construído pelos engenheiros, médicos, e também por um determinado grupo de literatos, os cronistas são observadores sensíveis e participantes do seu tempo e da sua cidade, capazes de construir representações que revelam particularmente as ambigüidades do moderno e suas crônicas como uma força da representação urbana, expressão da ambivalência e da tensão que marcam a cultura carioca e, num nível mais amplo, a própria constituição do nosso processo histórico. Assim, as reportagens são particularmente eloqüentes nesse processo de revelação.

Embora sejam utilizadas na ilustração de trabalhos que tratam sobre as relações étnicas no início da República ou a questões relativas ao surgimento do samba carioca, as questões acerca dos candomblés na *belle époque* carioca são pouco estudadas. Até o presente momento, não tenho conhecimento de nenhuma obra que trate sobre os candomblés cariocas no período proposto (1903-1905), ou ainda sobre as reportagens de João do Rio sobre os “candomblés dos negros

⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaço*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 17.

minas”, tendo encontrado apenas algumas poucas e esparsas referências, em alguns trabalhos, como que uma espécie de colcha de retalhos⁸.

Como bem lembram em artigo no qual avaliam produção de folcloristas sobre a música brasileira, as historiadoras Martha Abreu e Carolina Dantas⁹, a religiosidade popular e afro-brasileira é uma temática pouco presente nos trabalhos dos folcloristas do início do século XX, o que revelaria efetivamente a seleção das práticas culturais que deveriam ser valorizadas como nacionais. Raimundo Nina Rodrigues foi um dos poucos intelectuais do período que se dedicaram ao tema, embora sob um viés médico, através de pesquisas e artigos publicados em revistas estrangeiras e científicas, tendo, portanto, um público-leitor bastante restrito até 1930, quando sua obra referente aos candomblés baianos e seus devotos foram publicadas em livro. Embora as autoras evidenciem o quanto a produção de folcloristas sobre a música brasileira e a canção popular criou um espaço que reconhecia e valorizava a presença ativa dos descendentes de africanos na nação projetada, reconhecem que isso não se estendia à religiosidade afro-brasileira.

Há, porém, uma vasta bibliografia escrita por antropólogos e pessoas de dentro das próprias casas religiosas, mas que estão mais preocupadas com uma análise e descrição dos rituais e a explicação destes para os curiosos¹⁰. Em relação aos trabalhos historiográficos - mesmo que tratando de outra territorialidade e

⁸ Destaco os seguintes trabalhos que de forma tangencial abordam a temática dos candomblés: CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996; CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo, Companhia das Letras, 2001; KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; VELLOSO, Mônica. op. cit., 1990.

⁹ ABREU, Martha, DANTAS, Carolina Vianna. “Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920. In: CARVALHO, José Murilo de. (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 145 n.

¹⁰ Dentre essa produção destaque para os clássicos: BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. Tradução de Maria Eloísa Capellato e Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985, 2ª edição; LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupo*. Corrupio: Salvador, 2003, 2ª edição, onde o autor analisa as relações e parentesco de santo; LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, no qual a autora analisa a matriarcalidade nos candomblés; CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, 7ª edição, com uma pesquisa etnográfica sobre os candomblés da Bahia.

temporalidade - destaco a produção de João José Reis sobre o candomblé na Bahia no século XIX¹¹.

Dentre as obras que citam de alguma maneira o candomblé carioca, destaco o trabalho de Agenor Miranda Rocha¹² (1906-2004), o *Pai Agenor*, figura conhecida na história do candomblé carioca, na qual, ao expor suas próprias memórias, narra um pouco da história sobre o candomblé no Rio de Janeiro. A obra de *Pai Agenor* não acrescenta muitas informações no que se refere à proposta dessa pesquisa, já que o autor está mais preocupado com a organização e distribuição espacial das casa-de-santo e o calendário das festas, e nas questões referentes ao mundo das crenças e rituais. Porém, ao narrar suas próprias memórias, cita o nome de pais e mães-de-santo, endereços de terreiros e de alguns freqüentadores, além de algumas informações sobre a descendência dessas casas dos candomblés baianos. Essas informações além de irem ao encontro das vistas nas crônicas de João do Rio nos trazem pistas interessantes sobre os freqüentadores desses candomblés e os espaços em que circulavam, trazendo o nome de novos praticantes e freqüentadores, novos endereços de candomblés.

Dentre a produção acadêmica, destaco a dissertação de mestrado de Juliana Barreto Farias, intitulada *Entre identidades e diásporas: negros minas no Rio de Janeiro (1870-1930)*¹³. Nela, a historiadora examina como os africanos da nação¹⁴ mina e seus descendentes viviam na cidade do Rio de Janeiro em fins do oitocentos e primeiras décadas do século XX. Ao partir da reconstrução de cenários no espaço urbano carioca e de algumas trajetórias biográficas de homens e mulheres procedentes de diferentes vilas, cidades ou grupos étnicos da África Ocidental – alguns inclusive citados por João do Rio - a historiadora busca captar as formas de identificação, de solidariedade étnica e também as redes de relações sociais que os negros minas, recriaram em diferentes espaços da cidade do Rio, e, dentre eles, terreiros de candomblé. Para isso utiliza como uma de suas fontes, as

¹¹ Encontrei diversos artigos de João José Reis sobre candomblés na Bahia do século XIX, dentre os quais: REIS, João José. “Magia jeje na Bahia: a invasão do calundu no pasto da cachoeira, 1785”. *Revista Brasileira de História*, vol. 8, n.º. 16, mar-ag, 1988, pp. 57-81; _____, *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹² ROCHA, Agenor Miranda. *As nações ketu: origens, ritos e crenças. Os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, 2^a edição, revista e ampliada.

¹³ FARIAS, Juliana Barreto. *Entre identidades e diásporas: Negros minas no Rio de Janeiro (1870-1930)*. [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro, UFRJ, 2004.

¹⁴ Estou usando aqui a terminologia usada pela autora.

reportagens sobre os “candomblés dos minas” feitas por João do Rio para a *Gazeta de Notícias*. Embora comente suas práticas religiosas, a análise de Juliana Farias discute, fundamentalmente, a participação dos minas, escravos e libertos, no mercado de trabalho urbano, especialmente como ganhadores, reconstruindo pedaços de cenários e histórias de vida.

Érika Arantes, em sua dissertação de mestrado *O Porto Negro: Cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*¹⁵ analisa o cotidiano dos trabalhadores negros do porto do Rio de Janeiro nas primeiras décadas da República, articulando os trabalhadores do porto com a região em que estavam inseridos – a Zona Portuária, local que ficou conhecida posteriormente como *Pequena África*. Seu trabalho busca abordar, outros espaços de sociabilidade, além do ambiente de trabalho, como as habitações, as associações de lazer, as praças e as ruas – onde acaba por abordar de os candomblés como um desses espaços de sociabilidade, o que nos é particularmente interessante por se tratar de uma parte do espaço territorial que estudaremos nessa dissertação.

Já a antropóloga Julia O'Donnell constrói, em sua dissertação de mestrado¹⁶, *No olho da rua: a etnografia urbana de João do Rio*, uma pesquisa que junta reportagem e etnografia, demonstrando o quanto João do Rio tinha uma sensibilidade etnográfica para cruzar os mais diversos mundos da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. Para tal, a antropóloga utiliza três séries de crônicas do jornalista, dentre as quais, *As religiões no Rio*, de onde destaca a abordagem integradora que a série confere ao exótico enquanto objeto de estudo.

Por sua vez, o historiador Artur César Isaia analisa, dentro da temática do Espiritismo, as reportagens de João do Rio integrantes da série, referentes a esse culto religioso. No que se refere à obra, de uma forma geral, ele afirma:

“ (...) a leitura de sua obra [As religiões no Rio] revela o autor inserido no universo simbólico peculiar ao lugar social de onde lia a sociedade de seu tempo, com seu universo mítico, seus preconceitos e seu diálogo com importantes teorias interpretativas sobre a realidade nacional (...)Na ambigüidade que cerca a obra de João do Rio, o autor encanta-se e horroriza-se diante de uma cidade incapaz de separar o sagrado do profano, o culto do festim, daí sucumbiu absurdamente em práticas impregnadas de interesses materiais, povoadas de uma sensualidade implicitamente reafirmada. Bruxos, vendedores de rezas, comerciantes de breves,

¹⁵ ARANTES, Érika Bastos. *O Porto Negro: Cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. [Dissertação de Mestrado] Campinas: UNICAMP, 2005.

¹⁶ O'DONNELL, Julia Galli. *No olho da rua: a etnografia urbana de João do Rio*. [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro: UFRJ/ MN, 2007.

macumbeiros procurados para dar e tirar, para o bem e para o mal, em uma promíscua associação com o crime, a loucura e a doença.(...) ¹⁷

A pesquisa que aqui se apresenta deseja outro viés, que é o de pensar acerca dos candomblés na *belle époque* carioca e o modo como este era visto e vivido pela sociedade. E é justamente neste sentido, que pretendo me inserir no debate historiográfico. Embora as obras citadas não enveredem por esta temática, nos auxiliam no sentido de fornecer pistas no que se refere a esta investigação e de caminhos a seguir.

Meu objetivo aqui não é me aprofundar no sujeito João do Rio, e sim percebê-lo como um veículo que pode nos levar a entender o que pensava uma parte da sociedade, mais identificada com a elite cultural carioca. Minha opção se justifica muito mais pela temática das reportagens – candomblés na *belle époque*, do que pelo sujeito João do Rio. Friso que é a visão *de um* cronista e não *do* cronista João do Rio que pretendo investigar, ainda que ele, indivíduo, seja a chave para que eu entre nesse mundo.

Creio que não seja demais ressaltar que as crônicas de João do Rio são um dos inúmeros caminhos possíveis para se tratar do candomblé no Rio de Janeiro no início do século XX. Como toda pesquisa, esta também impôs escolhas e limites, e conseqüentemente, seus rumos e resultados finais.

Por conta disso, algumas questões propostas na qualificação ficaram de fora da dissertação, como o levantamento nos boletins policiais do período para levantar dados referentes a batidas policiais em terreiros de candomblé, ocorrências envolvendo praticantes dessa religião e a averiguação da concessão de “alvarás de funcionamento” fornecidos pela polícia para que várias casas de candomblé pudessem funcionar, citadas por vários autores ¹⁸. Fica aqui registrado o desejo de investigar essas e outras questões em trabalhos posteriores.

Ao longo da pesquisa, senti a necessidade de colocar um contraponto as considerações de João do Rio sobre os candomblés. A escolha foi pelas contribuições do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues, que teve os

¹⁷ ISAIA, Artur César. “João do Rio: o flâneur e o preconceito: um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de início do século XX”. In: MARIN, Jéri Roberto (org.). *Religiões, religiosidades e diferenças culturais*. Campo Grande: UCDB, 2005, p. 111.

¹⁸ BASTIDE, Roger. op. cit., MENDONÇA, Antônio Gouvêa. “República e pluralidade religiosa no Brasil”. In: *Revista USP*, n° 59, p. 144-163, 2003; MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria de Municipal de Cultura/ Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995, 2ª edição; dentre outros.

candomblés baianos no fim do século XIX como seu objeto de estudo. A idéia inicial era de localizar algumas observações sobre candomblés no Rio de Janeiro, porém só foram encontradas informações a partir do final da década de 1910, o que extrapolava em muito o recorte cronológico pretendido. No decorrer da procura, foram localizados alguns artigos de Nina Rodrigues, na revista *Kosmos* e no *Jornal do Brasil* sobre devotos e ritos nos candomblés baianos. Avaliando melhor esse material, descobriu-se que faziam parte dos artigos que mais tarde iriam integrar suas obras *O animismo fetichista dos negros baianos* e *Os africanos no Brasil*.¹⁹ De forma muito similar a João do Rio, o médico maranhense obteve importantes informações sobre os aspectos religiosos dos africanos e seus descendentes, descrevendo os terreiros que visitou na Bahia, alguns ritos e suas observações médico-científicas, a partir de visitas aos locais de culto e conversas com devotos e mães-de-santo.

Sendo assim, a configuração dos capítulos é a seguinte:

No capítulo 01, denominado Mapa social, apresento a série “As religiões no Rio” e em seguida traço um panorama acerca da religião na Primeira República. Apresento a *Gazeta de Notícias*, periódico onde a série foi publicada, traço um breve perfil historiográfico de nosso cronista João do Rio e apresento ainda o contraponto à fonte, o trabalho do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues sobre os candomblés na Bahia em um período muito próximo ao tratado por João do Rio. Embora trate de uma outra realidade – Salvador e suas periferias -, e sob um outro viés, o científico, creio que o fato de terem suas pesquisas divulgadas pela imprensa e por serem formadores de opiniões faz com que seus trabalhos possam ser, de alguma forma, confrontados. Devido aos rumos da dissertação, resolvi por apresentar Nina Rodrigues, sua obra e seus pensamentos em um tópico a parte, realizando, porém o cotejo com João do Rio ao longo da dissertação.

Já o capítulo 02, traz o que nomeei como mapa das sensibilidades apresenta um perfil do mercado editorial da *belle époque* carioca, avaliando o livro homônimo à série; outras reportagens que João do Rio fez sobre os “candomblés dos negros minas” ou que os citam de alguma maneira, e que não

¹⁹ RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Salvador, s.ed., 1935; _____. *Os africanos no Brasil*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1988, 7ª edição.

entraram na série; observações sobre as outras religiões apresentadas por João do Rio e suas qualificações de João do Rio acerca dos candomblés dos negros minas.

No capítulo 03, denominado Cartografia carioca: o candomblé e as religiões do Rio de Janeiro apresento o Rio de Janeiro no início do século XX com sua organização em freguesias, enfatizando contraste entre o ideal da *belle époque* e as atribuições de barbárie tradicionalmente articuladas aos negros ao destacar Santana e Santa Rita, as freguesias por onde João do Rio percorreu para realizar sua série. Em seguida discuto sobre as conexões entre os múltiplos grupos sociais da Capital Federal no que se refere à religiosidade, sugerindo dinâmicas de circularidade cultural. O capítulo ainda apresenta uma discussão sobre os mapas das alterações na cidade publicados dos periódicos da época e sobre o esforço do mapeamento da cidade do Rio de Janeiro viabilizado por meio de rígidos padrões civilizatório-espaciais. Somando os dados apresentados ao longo da dissertação, proponho um mapa da religiosidade carioca na *belle époque*, seguindo os princípios da geografia literária de Franco Moretti e mapas da religiosidade carioca em tempos de *belle époque*.